

A ordenação de palavras e as categorias tempo, aspecto e modo no Kaingáng paulista: uma análise comparativa

(The ordering of words and categories time, aspect and mode of Kaingáng in São Paulo: a comparative analysis)

Maria Sueli Ribeiro da Silva¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista (UNESP)

mssuribeiro@yahoo.com.br

Abstract: This paper deals with the word order and some morphosyntactic aspects of Kaingáng dialect from Icatu village in São Paulo, located near the city of Braúna. The Kaingáng teachers of this village say that there are some differences between the dialect of Icatu and the one from the South of the country. This study intends to show the predominant word order of the dialect of Icatu and the grammatical and lexical marks that are still present in it in relation to Time, Aspect and Mode categories, by comparing it with the dialect spoken in the South.

Keywords: Kaingáng dialect from Icatu village; word order; Time, Aspect and Mode categories.

Resumo: Este artigo trata da ordem de palavras e de alguns aspectos referentes à morfossintaxe do dialeto Kaingáng da aldeia paulista Icatu, localizada próxima à cidade de Braúna (SP). Os professores Kaingáng dessa aldeia afirmam que esse dialeto apresenta diferenças em relação ao dialeto do Sul. Comparando-se sentenças do dialeto paulista com as do Sul, pretende-se mostrar a ordem predominante do dialeto Kaingáng de Icatu e as marcas gramaticais e lexicais, nele ainda presentes, referentes às categorias Tempo, Aspecto e Modo, comparando-o com o do Sul.

Palavras-Chave: dialeto Kaingáng de Icatu; ordem de palavras; categorias Tempo, Aspecto e Modo.

Introdução

Neste trabalho, investigamos a ordem de palavras e as categorias Tempo, Modo e Aspecto (TAM) no dialeto Kaingáng paulista de Icatu, mostrando aspectos morfossintáticos mais visíveis que o diferenciam do dialeto Kaingáng do Sul. Para elaborarmos essa comparação, tomamos por base os principais autores que tratam da língua Kaingáng e seus dialetos, como D'Angelis e Silva (2000), D'Angelis (2006, 2008), Gonçalves (2007) e Cavalcante (1987). O *corpus* analisado compõe-se de sentenças e narrativas produzidas por professores Kaingáng da aldeia paulista de Icatu, com a ajuda de uma das falantes mais velhas.

Os índios Kaingáng do Oeste Paulista, após o processo de pacificação, foram levados a viver em aldeias, demarcadas pelo Governo e administradas pelo SPI – Serviço de Proteção ao Índio (hoje FUNAI).¹ A primeira aldeia que surgiu desse processo foi a de Icatu, localizada a 8 km da cidade Braúna; posteriormente, surgiu a aldeia de Vanuíre, que fica próxima do município de Arco-Íris, localizada a 23 km da cidade de Tupã.

Além dos Kaingáng, outros povos indígenas foram levados a habitar essas aldeias: os Terena (Icatu) e os Krenak (Vanuíre). Segundo D'Angelis (2006), essas outras etnias provocaram uniões interétnicas, o que dificultou a transmissão da cultura e da própria língua.

¹ Criado em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1967.

A língua Kaingáng, que pertence à família linguística Jê, abrange os estados do Paraná, de Santa Catarina, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. De acordo com professores Kaingáng de Icatu, existem diferenças entre a “linguagem”² do Sul e a de São Paulo.

Assim, o presente estudo propõe-se a verificar que divergências existem, de fato, entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista, tomando por hipótese que, em razão de o português atualmente ser a primeira língua (L₁)³ na aldeia, o Kaingáng paulista de Icatu parecer estar em transição, tendo algumas mudanças em sua morfossintaxe.

A partir de descrições já efetuadas por outros pesquisadores, principalmente sobre a morfossintaxe Kaingáng do Sul, vamos mostrar que divergências essas duas variedades apresentam (ou não) em relação à ordem de palavras e ao TAM (tempo, aspecto e modo).

Procedimentos metodológicos

D’Angelis (2002, p. 127) mostra que processos de normatização, com a “valorização de um dialeto em detrimento de outros”, fixam a “forma canônica imposta como ‘correta’ em relação a variantes, estigmatizadas como ‘incorretas’”. O autor também afirma que:

No caso do Kaingáng, as tentativas de síntese e análise gramatical já feitas foram todas externas à sociedade indígena e, por isso mesmo, nenhuma delas foi incorporada pelos professores indígenas como uma boa representação de sua língua. Ademais, nenhuma gramática pedagógica foi elaborada para servir à reflexão linguística interna à sociedade Kaingáng. Em certo sentido, o jovem Kaingáng acredita que a língua portuguesa é melhor que a sua, porque o português pode ser analisado com critérios, mostrando regularidades e sistematicidade. (D’ANGELIS, 2002, p. 127)

Como nos esclarece D’Angelis (2008), a fonologia está mais simplificada, se comparada aos demais dialetos Kaingáng, e, em nossa pesquisa, pudemos observar que nem os professores Kaingáng de Icatu distinguem determinados sons das palavras de seu dialeto, o que dificultou a redação e a tradução das sentenças. E, por essa razão, optamos pela escrita ortográfica das sentenças do *corpus* desta pesquisa, e não a fonológica, mantendo a forma como eles as redigiram.

Os colaboradores dessa pesquisa foram três professores Kaingáng, que têm o português como primeira língua, e uma das indígenas mais velhas dessa aldeia, falante nativa do Kaingáng. A participação da falante mais velha em nossa pesquisa foi sugerida pelos próprios professores Kaingáng, por ela já participar de aulas na escola indígena da aldeia, transmitindo às crianças sua sabedoria sobre a “linguagem”, como uma das pessoas mais velhas e falante do Kaingáng – o que é uma tradição entre os povos indígenas em geral.

O *corpus* é constituído de dois tipos de dados: (i) tradução para o Kaingáng de sentenças formuladas em português; (ii) sentenças extraídas de textos narrados em Kaingáng. No primeiro caso, a formulação das sentenças em Kaingáng foi gravada e filmada, a fim

2 O termo “linguagem” é usado pelos professores e pelas indígenas mais velhas para se referir à língua nativa, no caso a língua Kaingáng.

3 É preciso esclarecer que os Kaingáng aprendem a falar e têm como língua de uso, no cotidiano e desde o nascimento, a língua portuguesa; portanto o português é a L₁ (primeira língua) na aldeia. O Kaingáng e o Terena são L₂ (segunda língua) para os indígenas de Icatu, com exceção dos poucos falantes mais velhos existentes em ambas as etnias.

de se checar, junto aos professores e à falante, se a versão na língua Kaingáng estava correta ou não. No segundo, professores Kaingáng gravaram a fala das indígenas mais velhas, contando as histórias de seu povo e, em seguida, passaram para a escrita, com a ajuda de uma das Kaingáng mais velhas.

As sentenças foram glosadas de acordo com o método de descrição tipológica denominada *Leipzig Glossing Rules*, método que engloba dez regras para sintaxe e semântica de glosas interlineares e um apêndice com um léxico de rótulos categoriais abreviados. Dependendo do propósito que se deseja, tais regras permitem flexibilidade em vários aspectos e opções. Em nosso estudo, optamos por descrever o Kaingáng paulista de Icatu, utilizando a regra morfema-a-morfema desse método (BICKEL; COMRIE, 2004).

Os Kaingáng paulistas: a aldeia Icatu

A aldeia paulista Icatu surgiu em 1914, no início do século XX, e são muitas as histórias de guerras dessa aldeia com os não-índios e com outros índios, como os Oti-Xavante, os Guarani, contadas pelos indígenas mais velhos. A palavra *Icatu* origina-se da palavra *inhacatu*, do guarani, e significa “o rio da esperança” ou “rio que corre”.

Do processo de aldeamento e da tomada de terras indígenas, em razão da construção ambiciosa da Estrada de Ferro do Noroeste Paulista, surgiram desentendimentos no próprio grupo dos Kaingáng, que permaneceram resistentes e vivos, ocasionando, assim, a dissidência e a formação de duas aldeias Kaingáng no Oeste Paulista: Icatu (1914) e Vanuíre (1918).

Posteriormente, por volta dos anos de 1945, os Terena – que pertencem à família linguística Aruák e habitavam principalmente o Estado do Mato Grosso de Sul – foram levados a viver em Icatu. A convivência entre as duas culturas – Terena e Kaingáng – hoje é vista com naturalidade pelos índios Kaingáng.

Na década de 80, quando Cavalcante (1987) fez visitas à aldeia de Vanuíre, pôde constatar que o Kaingáng não era quase falado, em razão dos “cruzamentos” com outros indígenas – no caso dessa aldeia, os Krenák – e os não-índios.

D’Angelis (2002) observa que, para o jovem Kaingáng, o português é mais fácil do que a sua língua, porque é apresentado como tendo melhor regularidade e sistematicidade. Na década de 80, segundo D’Angelis (2005, p. 30), “a língua Kaingáng já era considerada extinta no Estado de São Paulo, com apenas alguns falantes”. Porém o autor verificou, posteriormente, a existência de falantes Kaingáng tanto em Icatu como em Vanuíre.

Em 2000, D’Angelis realizou uma Convenção Linguística,⁴ ou seja, um trabalho de registro da língua, com a participação de falantes e futuros professores indígenas dessas duas aldeias. Com a Convenção Linguística (2000), os Kaingáng paulistas viram uma oportunidade de registrar as suas marcas dialetais específicas, garantindo a possibilidade de seus filhos – que hoje são falantes do português – aprenderem a língua dos Kaingáng mais velhos e, também, de seus ancestrais.

Para D’Angelis (2008, p. 42), o distanciamento linguístico do dialeto paulista é consequência do distanciamento geográfico, já que os Kaingáng paulistas foram um dos

4 D’Angelis elaborou, anteriormente, esse trabalho de registro da língua e elaboração de um material para ensino na escola indígena, com os Nhandewa-Guarani do Posto Nimuendaju.

primeiros a se separarem dos demais grupos, isto se não foram verdadeiramente os primeiros a iniciar a separação.

Notamos que, atualmente em Icatu, há cerca de trinta famílias resultantes das uniões interétnicas – Kaingáng e Terena. O multiculturalismo está presente no contexto desta aldeia; as crianças, frutos dessa união, falam português e convivem com as falantes mais velhas do Kaingáng e os falantes da língua terena. O reavivamento da cultura e da língua se centra na escola indígena Índia Maria Rosa, onde aprendem cantos, receitas, brincadeiras, danças, artesanatos de seus ancestrais (Kaingáng e Terena), além das matérias obrigatórias do currículo escolar.

Assim, os professores indígenas desenvolvem um importante trabalho de conscientização das crianças, para que, como ocorreu com outros grupos indígenas do Brasil, possam a ser novamente falantes de sua língua nativa e possam perpetuar sua cultura. Por essa razão, preocupam-se em registrar e compreender o funcionamento de sua língua nativa, sobretudo do Kaingáng, que tem apenas duas falantes na aldeia.

Kaingáng paulista de Icatu e Kaingáng do Sul: semelhanças e diferenças

Nesta seção, comparamos o Kaingáng paulista de Icatu e o Kaingáng do Sul, apresentando cada dialeto em sua particularidade quanto à ordem de constituintes e ao Tempo, Modo e Aspecto (TAM). O propósito é verificar se há, de fato, diferenças entre essas variedades do Kaingáng em relação às categorias aqui estudadas.

Ordem

De acordo com D'Angelis (2005) e Gonçalves (2007), o Kaingáng constitui-se basicamente como uma língua SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), com sujeito marcado morfológicamente e o objeto anteposto ao verbo. Assim, para compararmos como se dá a ordenação de palavras entre o dialeto Kaingáng paulista de Icatu e o dialeto do Sul, tomamos por base os seguintes tipos de ordenação: a ordem SOV e a ordem SVO (em sentenças transitivas), a ordem SV (em sentenças intransitivas). No dialeto Kaingáng de Icatu, a ordem predominante SOV (Sujeito-Objeto-Verbo) ocorre em sentenças declarativas tanto afirmativas, como em (1), quanto negativas, como em (2).

(1) *Ê kakrẽ guere krẽ*
 2SG sogro milho plantar
S O V
 ‘Teu sogro planta milho.’

(2) *Ti-wã rere wé tõ*
 3SG.M-NOM sol ver NEG
S O V
 ‘Ele não viu o sol.’

A ordem SOV é predominante também em interrogativas totais, como em (3) e (4), cuja ilocução interrogativa é marcada apenas prosodicamente.

(3) *Kotit goio krot*
 Criança água beber
S O V
 ‘A criança bebe água?’

(4) *Wi wã goiotchô krot*
 3SG.F **NOM** café beber
S O V
 ‘Ela bebe café?’

Essa é também a ordenação preferencial das interrogativas parciais. As partículas interrogativas que expressam lugar (*rentâ = onde*), como em (5); tempo (*renki = quando*), como em (6), e quantidade (*tigue = quanto*), como em (7), posicionam-se antes do objeto.

(5) *Tâtâ tĩ rentâ goiotchô krot*
 Mulher_pequena **INTER** café beber
S O V
 ‘Onde a menina bebe café?’

(6) *Tâtâ tĩ wã renki goiotchô krot*
 Mulher_pequena **NOM INTER** café beber
S O V
 ‘Quando a menina bebe café?’

(7) *Tâtâ tĩ tigue goiotchô kronia⁵*
 Mulher_pequena **INTER** café beber
S O V
 ‘Quanto café a menina bebe?’

Wiesemann (1967, p. 34) afirma que, no Kaingáng, o sujeito é geralmente marcado. Segundo ela, “algumas palavras sempre indicam sujeito. Elas seguem o sujeito e indicam que a parte que as precede tem a função de sujeito na frase”. As palavras mais frequentes que marcam o sujeito na sentença Kaingáng são *tòg, vỹ, nỹ, ne, mỹ, jè*. D’Angelis (2005, p. 5) também afirma que “o Kaingáng sempre marca o sujeito da ‘frase’ com uma palavra especialmente para isso”.

D’Angelis (2005) e Gonçalves (2007) consideram que o Kaingáng constitui-se basicamente como uma língua SOV (Sujeito-Objeto-Verbo), com sujeito marcado morfológicamente e o objeto anteposto ao verbo.

Notamos que o Kaingáng paulista, atualmente, faz uso apenas da marca “wã” de Nominativo, como se nota em (2) e em (8).

(8) *Ti-wã pehó i-ma-nim*
 3SG.M-**NOM** abóbora 1SG-BENEF-dar
 ‘Ele deu a abóbora para mim.’

Contudo, na maioria de suas construções, o Kaingáng paulista não apresenta marca de Nominativo, com em (9) e (10):

⁵ As palavras *krot* e *kronia* são semanticamente usadas, no dileto paulista, com o sentido de “beber”.

- (9) *Kotit ko lengró*
 criança comer feijão
 ‘A criança come feijão’
- (10) *Kotit_e bák ko lengró*
 criança_PL INTENS comer feijão
 ‘As crianças comem muito feijão’

Diferentemente do dialeto do Sul, que apresenta várias marcas como *tag, tòg, vé*, etc., o Kaingáng paulista não vem marcando o Nominativo, fazendo, em algumas construções, apenas o uso da marca *wã* para indicar o Sujeito. Como, por exemplo, em sentenças intransitivas, a ordem SV predomina no Kaingáng paulista em sentenças intransitivas declarativas, podendo ainda ocorrer com interrogativas totais. No entanto, o sujeito nas intransitivas nem sempre é marcado, como ocorre em (11).

- (11) *Tâtá_tĩ wěwó*
 mulher_pequena correr
 S V
 ‘A menina corre?’

A ordem SV também é predominante em construções intransitivas do Kaingáng do Sul, apresentando sempre uma marca de Nominativo, como se observa em (12).

- (12) *Kófa tỹ jun huri*
 Velho NOM chegar já
 S V
 ‘O velho já chegou.’ (adaptado D’Angelis, 2004, p.72)

Aspecto, Tempo e Modo (TAM)

Para tratar do TAM, na comparação entre as duas variedades, optamos por iniciar pela categoria Aspecto, seguido de Modo e, por último, de Tempo, já que essa é a ordem de prioridade entre essas categorias nas duas variedades de línguas aqui enfocadas.

Aspecto

Segundo Gonçalves (2007), a língua Kaingáng distingue Perfectividade e Imperfectividade. De modo geral, o Kaingáng sempre marca Aspecto. Para elaborarmos as semelhanças e distinções entre o dialeto paulista de Icatu e o do Sul, consideramos os seguintes tipos de Aspecto: Perfectivo no Passado, Imperfectivo e Fasal.

(a) Aspecto Perfectivo no Passado:

No dialeto Kaingáng paulista de Icatu, como já mostrado, o Aspecto Perfectivo no Passado é marcado por *inha*, conforme exemplificado em (13) e (14).

- (13) *Ti-wã tchopré tẽ kamã un tẽ inha*
 3SG.M-NOM onça morrer ter_costume INDEF matar PERF.PAS
 ‘O caçador matou uma onça.’ (Ele, que costuma matar onça, matou uma.)

- (14) *Ti tĩ wã kutẽ inha*
 3SG.M_pequeno NOM cair **PERF.PAS**
 ‘O menino caiu.’

Outra marca que indica evento acabado no passado é *nã*, que, nos dados de análise, aparece apenas em (15), co-ocorrendo com a marca de modalidade *nã*.

- (15) *Fók nã nã tere ka*
 Homem_branco CERT **PERF.PAS** matar mata
 ‘O branco acabou com a natureza.’

No dialeto do Sul, observamos que as marcas que indicam Aspecto Perfectivo no Passado são *mũ*, *nĩ* e *ja*. As marcas *mũ* e *nĩ*, quando indicam evento passado, co-ocorrem com expressões de Tempo, como *rãkétá* (*ontem*) e *ũri* (*hoje*), conforme exemplificado em (16) e (17). Isso não ocorre com o uso da marca *ja*, como em (18).

- (16) *Rãkétá tóg tĩ mũ*
ontem NOM ir **PERF.PAS**
 ‘Ele foi ontem.’ (adaptado GONÇALVES, 2007, p. 140)

- (17) *Monh tỹ rãkétá ter ja nĩ*
 boi NOM **ontem** morrer (?) **PERF.PAS**
 ‘O boi tinha morrido ontem.’ (adaptado D’ANGELIS, 2004 apud GONÇALVES, 2007, p. 91)

- (18) *Ka ta ti jo vënhvó ja ser*
 então NOM 3S.M na_frente correr **PERF.PAS** assim
 ‘Então (ele) correu na frente dele.’ (adaptado GONÇALVES, 2007, p. 156)

(b) Aspecto Imperfectivo:

As marcas de Imperfectivo, no dialeto paulista de Icatu, são o habitual *tĩ*, conforme exemplificado em (19), e a marca *mã* que co-ocorre com a expressão de Tempo *uri* (*hoje*), como se observa em (20).

- (19) *Kaingág_e wã takui iamã⁶ tĩ*
 kaingág_PL NOM aqui aldeia **HAB**
 ‘Os Kaingág moram em Icatu.’

- (20) *Uri kaingág mã fã*
hoje Kaingág **IMPERF** chorar
 ‘Hoje os índios estão chorando’

No dialeto do Sul, conforme Gonçalves (2007), a marca *nĩ* e o habitual *tĩ* expressam Imperfectividade, como se nota em (21) e (22).

⁶ Quando os Kaingág se referem à sua aldeia, utilizam a expressão *takui iamã*, que, literalmente, significa “aqui na aldeia”. Na tradução para o português, devemos entender somente como Icatu.

- (21) *Rỹkétá i_xa kěj han nĩ nĩ*
 ontem 1SG.NOM cesto fazer IMPERF IMPERF
 ‘Ontem eu estava fazendo cesto.’ (adaptado Gonçalves, 2007, p.164)
- (22) *Kyrũ vỹ prỹg kar mĩ ti panh mỹ êpã han tĩ*
 rapaz NOM ano todo em 3SG.M pai para roça fazer HAB
 ‘O rapaz fazia roça para o pai dele todos os anos.’ (adaptado Gonçalves, 2007, p.164)

(c) Aspecto Fasal:

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008),⁷ as distinções de Aspecto Fasal indicam a relação entre o ponto de referência temporal e uma fase dentro do desenvolvimento do Estado-de-coisas. Esses autores mostram ainda outras possibilidades no domínio do Aspecto Fasal que são a de Aspecto Ingressivo e Egressivo, bem como a oposição Perfectivo-Imperfectivo em relação ao estado-de-coisas.

Assim, observamos no Kaingáng paulista de Icatu a existência dos seguintes aspectos de fase, como aspecto fasal egressivo, relacionado à telicidade, é expresso nesse dialeto por *kéia*, conforme (23) e (24).

- (23) *Kofã inhut kéia*
 Velho chegar TEL
 ‘O velho já chegou.’
- (24) *Ti-wã kotit_tĩ ti-wã inhut kéia*
 3SG.M-NOM criança_pequena 3SG.M-NOM chegar TEL
 ‘Aquele menino que já chegou.’

No dialeto paulista, *nĩ*, em (25), indica um evento acabado, não permanente, podendo-se inferir que, ‘o fato de o menino chorar, revela que ele ficou triste’; assim, parece caracterizar um aspecto fasal resultativo.

- (25) *Ti_tĩ wã fã nĩ*
 3SG.M_pequeno NOM chorar RES
 ‘O menino chorou (ficou triste)’

Na sentença (26), o fasal *nĩ* co-ocorre com a marca de modalidade dubitativa *mã*. Nesse caso, o evento marcado aspectualmente ocorre posteriormente ao momento de referência. Assim, a marca *nĩ* indica um aspecto fasal prospectivo, em que o Estado-de-coisas é caracterizado como um evento a acontecer depois do ponto de referência.

- (26) *Tiné wi koma takui bret nĩ-mã*
 Porque 3SG.F alma aqui morar PROSP-DUB
 ‘Porque, provavelmente, a alma ia morar aqui.’

Já no dialeto do Sul, Gonçalves (2007) mostra que a marca aspectual *ma* co-ocorre com marca de Tempo Futuro. Para a autora, o *ma* é uma ocorrência especial, sendo usado

⁷ O conceito de aspecto Fasal, aqui proposto, é com base na teoria da Gramática Discursivo Funcional (GDF), elaborada por Hengeveld e Mackenzie (2008).

principalmente quando o Momento de Referência é posterior ao Momento da Fala. A marca *ma*, em (27), parece-nos indicar aspecto fasal Prospectivo.

- (27) *Vajkÿ ja inh rãhrãj tag ta tũ kej ma*
 amanhã ASP ISG trabalho este NOM terminado FUT ASP
 ‘Amanhã vai chover bastante.’ (adaptado GONÇALVES, 2007, p. 161)

Modo

Neste trabalho, esta categoria relaciona-se à modalidade. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), as modalidades orientadas para o evento descrevem a existência de possibilidades, obrigações gerais e outras, sem o Falante assumir responsabilidade por esses julgamentos. Com base nessa teoria, observamos no Kaingáng paulista de Icatu as seguintes modalidades: a modalidade doxástica, a modalidade dubitativa, a modalidade epistêmica e a modalidade deôntica.

A modalidade doxástica indica que o falante tem certeza de que o evento comunicado na proposição de fato ocorreu. No Kaingáng de Icatu, a partícula *na* marca a modalidade doxástica, como se nota em (28).

- (28) *Fók nã peinh ãn ã gag*
 homem_branco CERT roubar de alguém 3PL terra
 ‘O branco (de fato) roubou nossa terra’

Segundo Gonçalves (2007), a partícula *nã*, no dialeto do Sul, corresponde a uma partícula de Modo que pode significar ‘*é isso mesmo, mesmo, é mesmo*’, enfatizando ou confirmando uma asserção, conforme exemplificado em (29).

- (29) *Ûri rã ta rÿjgy tavĩ na*
 Hoje sol NOM muito_quente bastante CERT
 ‘Hoje o sol está muito quente mesmo!’ (adaptado de GONÇALVES, 2007, p. 125)

Outro marcador que é comumente usado no Kaingáng do Sul para expressar ‘certeza, crença’ do falante é a marca *pẽ*, conforme exemplificado em (30).

- (30) *Inh vo vÿ ta⁸ Ligeiro ta ke pẽ nĩ*
 ISG avô NOM (3SG)NOM Ligeiro lá fazer CERT ASP
 ‘Meu avô, ele é lá de Ligeiro.’ (adaptado GONÇALVES, 2007, p. 122)

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 175), a modalidade epistêmica indica que o falante acredita na possibilidade de ocorrência do evento comunicado na proposição. Conforme os autores, a “modalidade epistêmica orientada para o evento caracteriza o Estado-de-coisas em termos de (im)possibilidade de sua ocorrência em relação ao que é conhecido sobre o mundo”.⁹ O dialeto paulista expressa essa modalidade por meio de

8 Em sua glosa original, Gonçalves (2007, p. 122) apresenta o marcador *ta* dessa maneira: *ta = (3p) + ms*. Podemos subentender que essa marca se refere ao Nominativo e a uma terceira pessoa, que não vem explícita nesse tipo de construção.

9 *Epistemic event-oriented modality characterizes States-of-Affairs in terms of the (im)possibility of their occurrence in view of what is known about the world.* (p. 175)

kamã (gostar de, fazer sempre, algo que sempre acontece, ter costume), já que indica a certeza da ocorrência do evento, como se nota em (31) e (32).

(31) *Ne tâtâ_tĩ goiotchô kronia kamã*
 Por que mulher_pequena café beber sempre
 ‘Por que a menina sempre bebe café?’

(32) *Tĩ_tĩ wẽwó kamã*
 3SG.M_pequeno correr sempre
 ‘O menino corre sempre.’

Em (33), a expressão de modalidade *kamã* co-ocorre com a marca de aspecto Perfectivo *inha* e expressa a certeza em relação ao evento passado.

(33) *Tĩ-wã tchopré tẽ kamã un tẽ inha*
 3SG.M-NOM onça matar ter_costume INDEF matar ASP
 ‘O caçador matou uma onça. (Ele, que costuma matar onça, matou uma.)’

Além da expressão *kamã*, no Kaingáng paulista, a partícula *wẽ* expressa modalidade epistêmica orientada para o evento, indicando que o falante considera possível o evento comunicado na proposição, mas não real na situação retratada. Essa partícula é grafada pelos professores Kaingáng de Icatu com a letra *w*. Contudo, em outros trabalhos, é geralmente grafada como *vẽ*.

De acordo com Gonçalves (2007), a partícula *vẽ* apresenta sentidos diferentes, dependendo da estrutura (ou do período) de que faz parte. A autora esclarece, porém, que essa partícula vem sendo utilizada como ‘marcador’ de Modo, já que indica que o evento, apesar de possível, não ocorre, conforme Gonçalves (2009). Por outro lado, pode apresentar a função de confirmar o que foi dito, passando a ser um assertivo. Para Gonçalves (2010), o *vẽ* assertivo indica modalidade epistêmica, já que o falante se compromete com a verdade da proposição, como se observa em (34).

(34) *Kanhgág ag no tu vẽmen hã vẽ*
 kaingáng 3PL.M flecha em direção falar parecido ASSERT
 ‘Isso é o que falam sobre a flecha dos Kaingáng.’ (adaptado GONÇALVES, 2010, p. 3)

No dialeto Kaingáng paulista, a partícula *wẽ* indica que, apesar de possível ou esperado, o evento não acontece, como se nota em (35) e (36), em que o evento “a menina bebe café” é real (ela de fato toma café), mas, na situação retratada, isso não acontece; portanto, é irreal, mostrando que ela sempre faz a ‘ação de beber café’, mas naquele momento não fez.

(35) *Tâtâ_tĩ goiotchô krot wẽ*
 Mulher_pequena café beber MOD
 ‘A menina bebe café (mas não bebeu).’

(36) *Wi wã goiotchô krot wẽ*
 3SG.F NOM café beber MOD
 ‘Ela bebe café (mas não bebeu).’

Tempo

O dialeto Kaingáng paulista de Icatu distingue o tempo Presente e o tempo Futuro. O tempo Presente é sempre marcado por meios lexicais, como *hâ* (*agora*) em (37), *uri* (*hoje*)¹⁰ em (38).

(37) *Ak wã rĩhõ ko hâ*
3PL.M NOM tatu comer **agora**
'Eles comem tatu agora.'

(38) *Ik wã uri korék*
1SG NOM **hoje** ruim
'Hoje estou mal!'

O tempo Futuro nesse dialeto é expresso pela marca gramatical *wuru*, como se nota em (39), e de marcas lexicais, como *mã*, que significa 'dali a pouco' em (40).

(39) *Kotit e wuru ko*
Criança PL FUT comer
'As crianças vão se alimentar (almoçar).'

(40) *Mã kaingág piri tere mek*
dali a pouco Kaingág NUM morrer sentir
'Dali a pouco senti que um índio morreu.'

Já o dialeto do Sul apresenta marcas lexicais, mostrando o tempo em relação ao Momento da Fala, como, por exemplo, *ũri* (*hoje*), que em (41) indica simultaneidade ao MF, *rãkétá* (*ontem*), que em (42) indica anterioridade ao MF, e *vajkỹ* (*amanhã*), que indica posterioridade ao MF em (43).

(41) *Ũri rã ta rỹjgy tavĩ na*
hoje sol NOM muito_quente bastante ENF
'Hoje o sol está muito quente.' (adaptado Gonçalves, 2009, p.254)

(42) *Rãkétá kysãg ki ta ta kutẽ nỹ nĩ*
ontem cedo em chuva NOM cair MP ASP
'Ontem de manhã estava chovendo.' (adaptado Gonçalves, 2009, p.254)

(43) *Vajkỹ inh rẽgró krãn rãj*
amanhã ISG feijão plantar começar
'Amanhã eu vou plantar meu feijão.' (adaptado Gonçalves, 2009, p.255)

Na sentença (44) do dialeto do Sul, a marca lexical *ha* (*agora*) faz referência a um evento no presente.

(44) *Ta ta kãtĩg ha.*
chuva NOM vir agora
'A chuva está vindo agora'. (adaptado GONÇALVES, 2009, p. 255)

¹⁰ A palavra 'hoje' em Kaingáng paulista corresponde a *uri*; já no dialeto do Sul, corresponde a *ũri*, sendo transcrito o til.

Gonçalves (2009) considera que a categoria Tempo no Kaingáng não se orienta, prioritariamente, pela indicação Presente, Passado e Futuro em relação ao Momento da Fala (MF), mas à anterioridade e à posterioridade do evento quanto ao Momento de Referência (MR), podendo também ser igual ao MF. No Kaingáng de Icatu, notamos que as marcas aspectuais servem para expressar eventos no Presente e no Passado. Em ambos, a categoria Aspecto é a mais relevante, podendo co-ocorrer com outras marcas de Aspecto, de Modalidade e de Tempo. E, ainda, ambos fazem uso tanto de marcas gramaticais como lexicais para expressarem o TAM.

Considerações finais

A regra fundamental da sintaxe do Kaingáng, que, segundo D'Angelis (2008), é a ordem OV (Objeto-Verbo), continua sendo mantida nesse dialeto. Podemos notar que o Kaingáng paulista não vem sofrendo tanta influência do português em sua morfossintaxe, a ponto de mudar sua ordem.

Diferentemente do português, que, segundo Pezatti (1992), é uma língua preposicional (VO), o dialeto Kaingáng paulista de Icatu é posposicional (OV), mostrando-nos que segue a mesma ordenação do dialeto do Sul. A ordem SVO, no dialeto paulista, aparece com pouca frequência, revelando-nos que esse dialeto pode estar em fase de transição.

Em relação à marca de Nominativo, o dialeto paulista tem exclusivamente a marca *wã* de Nominativo, mas não é sistematicamente usada; e, no Sul, há várias marcas de Nominativo, e tal marcação é sistemática. Quanto às marcas de Tempo, Aspecto e Modo (TAM), o Kaingáng de Icatu apresenta marcas semelhantes ao do Sul, como a marca lexical *uri* (*hoje*) da categoria Tempo, o habitual *tĩ* da categoria Aspecto e *kamã* (*sempre, ter costume*) da categoria Modo.

Com essa comparação, o intuito deste trabalho não é o de mostrar que há mais autenticidade em um dialeto do que em outro, e, sim, que o Kaingáng paulista, apesar de sua obsolescência e de seu distanciamento geográfico com o Kaingáng do Sul, conserva, de modo geral, a morfossintaxe própria da língua Kaingáng: (i) em estruturas transitivas, preserva a ordem básica SOV; (ii) em estruturas intransitivas, apresenta a ordem SV; (iii) configura-se como uma língua posposicional; (iv) marca tanto gramatical como lexicalmente as categorias de aspecto, tempo e modo.

Já as divergências encontradas, seja em relação à ordenação seja em relação ao TAM, entre o Kaingáng do Sul e o Kaingáng paulista de Icatu, de fato, devem-se ao uso do português como primeira língua (L_1) em Icatu, fazendo com que marcas gramaticais, por exemplo, as marcas de Nominativo, fossem reduzidas ou esquecidas pela falta de uso, até mesmo pelas poucas falantes Kaingáng da aldeia. Assim, notamos que, como afirmam os professores Kaingáng de Icatu, a “linguagem” do Sul é diferente da “linguagem” de Icatu, pois o Kaingáng paulista pode estar mudando, em razão dos fatores expostos anteriormente.

Contudo, é importante ressaltar que, apesar de sofrer mudanças na língua e de contar com apenas duas falantes nativas, o desejo dessa comunidade Kaingáng em manter sua tradição, cultura e conhecimento da língua indígena é muito grande e vem contribuindo para que esse dialeto do Kaingáng não desapareça por completo. Como bem nos esclarece D'Angelis (2008), a diversificação linguística no Kaingáng é uma consequência natural da autonomia de seu povo sobre sua língua e deve, portanto, ser respeitada.

REFERÊNCIAS

BICKEL, B.; COMRIE, B. *The Leipzig Glossing Rules: Conventions for interlinear morpheme-by-glosses morpheme*. University of Leipzig, set. 2004.

CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e morfologia da língua Kaingáng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Campinas, 1987. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Campinas, UNICAMP.

D'ANGELIS, W. R. Algumas notas comparativas sobre o dialeto Kaingáng paulista. In: TELLES, S.; DE PAULA, A. S. (Orgs.) *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Néctar, 2008. p. 29-48.

_____. *A língua Kaingáng*. Disponível em: <www.portalKaingáng.org>. Acesso em: 13 jul. 2006.

_____. Unificação x Diversificação Ortográfica: um dilema indígena ou de lingüistas? In: RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (Orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: UnB, 2005. p. 23-33.

_____. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. *Revista LIAMES*, Campinas, v. 4, p. 71-82, Primavera 2004.

_____. Kaingáng: questões de língua e identidade. *Revista LIAMES*, Campinas, v. 2, p. 105-128, Primavera 2002.

D'ANGELIS, W.R.; SILVA, M. A. R. Estructura silábica y nasalidad vocálica en el Kaingang paulista. In: CONGRESO DE LENGUAS INDÍGENAS DE SUDAMÉRICA, I, 2000, Lima. *Actas...* Lima-Peru, tomo I, Universidad Ricardo Palma, 2000. p. 127-134.

GONÇALVES, S. A. *Algumas considerações sobre Modo e Modalidade na língua Kaingáng Sul (Jê)*. Comunicação Individual. LVIII GEL, São Carlos, jul. 2010.

_____. A expressão Tempo na língua Kaingang (Jê). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 38, v. 1, p. 249-258, jan/abr 2009.

_____. *Aspecto no Kaingáng*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

PEZATTI, E. G. *A ordem de palavras no português*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, Campus Araraquara, Araraquara.

WIESEMANN, U. G. *Introdução na língua Kaingáng*. [s.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1967.

ANEXO – ABREVIACÕES UTILIZADAS

1: primeira pessoa	L₁: primeira língua
2: segunda pessoa	M: masculino
3: terceira pessoa	MOD: modalidade
ATEL: atélico	NEG: negação
ASP: aspecto	NOM: nominativo
BENEF: beneficiário	NUM: numeral
CERT: certeza, modalidade doxástica	O: objeto
DUB: modalidade dubitativa	PAS: passado
ENF: ênfase	PERF: aspecto perfectivo
F: feminino	PERF.PAS: aspecto perfectivo no passado
FASAL: marca de aspecto fasal	PL: mais de um, plural
FUT: futuro	PROSP: aspecto prospectivo
HAB: habitual	S: sujeito
IMPERF: aspecto imperfectivo	SG: singular
INDEF: artigo indefinido	TEL: tético
INTER: pronome interrogativo	V: verbo